

Amiga ajustava os sonhos à razão

JORGEMAR FELIX

BRASÍLIA — Darcy Ribeiro, segundo a definição de muitos intelectuais, nunca foi uma pessoa só. Foram vários os Darcys que viveram 74 anos. Um deles é mulher, também nasceu em Minas Gerais e atende pelo nome de Vera Brant. Melhor amiga do antropólogo, Vera representava o Darcy da razão. Contrapunha-se ao Darcy sonhador incorrigível. “A sensação que eu tenho, é que colocava os pés dele no chão, pois sonhava tanto que as idéias viravam nuvens e, se deixasse, espalhavam-se e sumiam”, comparou Vera.

Anteontem, no Senado, Vera lembrou suas histórias com Darcy. As cadeiras de couro escuro, enfileiradas ao lado do caixão, pareciam ainda mais antigas, diante da modernidade do Salão Negro. Mas são mais novas do que a amizade de Vera e Darcy. As cadeiras chegaram a Brasília depois da demolição do Palácio Monroe, sede do antigo

Senado, no Rio. Vera e Darcy conheceram-se antes, na década de 40.

A amizade renovava-se a cada idéia delirante de Darcy, às quais Vera emprestava sua racionalidade. A principal delas foi a criação da Universidade de Brasília (UnB). Darcy sonhou, contaminou o projeto com seu prestígio de intelectual, mas Vera saiu em busca da viabilidade. Convenceu o presidente Juscelino Kubitschek, conseguiu até o apoio do papa, de deputados e de intelectuais.

“Fazia um trabalho de viabilidade política, mas o que valia mesmo eram os argumentos de Darcy, ninguém diria não para ele”, lembrou uma Vera cheia de modéstia diante da perda do amigo genial. Inspectora de ensino do Ministério da Educação e coordenadora da implantação do método Paulo Freire no país, Vera logo abandonou tudo para dedicar-se exclusivamente à criação da UnB. “Foram os momentos de maior convivência com ele, embora nunca te-

nhamos nos afastado”, suspirou.

Mesmo quando Darcy estava no exílio, os dois trocavam cartas, cheias de carinho, com mais sonhos para o futuro. As cartas fazem parte da literatura dessa amizade. Com sua mania de pé no chão, Vera pensava que, depois da construção da UnB, Darcy estaria realizado. O sonhador então surpreendia, voltava a inventar e convocava a amiga para a execução. “Todo projeto dele é louco”, disse Vera, usando o verbo no presente e fazendo uma concessão ao sonho. “Eu pego carona na loucura dele e fico louca também.”

Desde quando se conheceram na pensão de dona Marucas, em Belo Horizonte, onde o rapaz de Montes Claros morava com irmãos de Vera, a amiga acompanhou Darcy na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. No regime militar, mobilizou os amigos comuns com o general Golbery do Couto e Silva para convencê-lo a autorizar o retorno de um Darcy com câncer ao Brasil. Os

gerais permitiram com a certeza de que ele estava quase morto. Foi o quase mais longo da história — mais de 20 anos.

De volta ao Brasil, Vera — amiga de nove entre 10 políticos importantes do país — recolocou Darcy a par da situação política e permitiu ao antropólogo sonhar de novo, mesmo doente. Darcy, então, começou a dar mais razão ao sonho. Fundou o PDT junto com Leonel Brizola e ficou, politicamente, contra a amiga. “Nunca combinamos na política, detesto PDT, Brizola, isso tudo”, disse Vera.

Vera mora em Brasília desde a fundação. Entrou para os negócios e é dona de uma das maiores imobiliárias da cidade. Há alguns anos, escreveu seu livro de memórias com muitas páginas dedicadas a Darcy e a JK. Provou que mesmo com a vida de empresária, Vera continuou a sonhar — coisa que aprendeu com o amigo que se foi.